

**Estudo das Idéias Tradicionais Médicas e de Fármacos no *Livro do Tesouro de Alexandre*:
Estudo de um Caso, o Ásaro (*Asarum europaeum* L.)**

Safa A. A. C. Jubran

RESUMO

Este trabalho traz um estudo de caso sobre o ásaro, como uma das primeiras etapas do projeto que objetiva a verificação das idéias tradicionais médicas e de fármacos no *Livro do Tesouro de Alexandre* (séculos IX-X). Para isto, e como segunda fonte, adota-se *A Compilação de Medicamentos e Alimentos Simples* de Ibn-Albaytār (século XIII). Neste trabalho inicial, além de trazer a tradução do texto árabe anotada e comentada sobre o ásaro como aparece nesta obra, na voz do próprio botânico de Málaga e de muitos outros estudiosos anteriores e contemporâneos, por ele citados, formulam-se algumas observações preliminares, após a comparação das informações trazidas por ambas as fontes, na tentativa de estabelecer uma linha de transmissão das idéias tradicionais através do tempo.

Palavras chave:

Árabe; Livro do Tesouro de Alexandre; Ibn-Albaytār; Ásaro

ABSTRACT

This paper presents a case study on *Asarum* as a first step of the project that seeks to verify the traditional medical and pharmacological ideas in the Book of the Treasure of Alexander (9th – 10th century CE). To do so, and as a second source, it is adopted the *Compilation of Simple Remedies and Aliments* by Ibn-Albaytār (13th century CE). In this initial work, besides a translation of the Arabic text as it appears in Ibn-Albaytār's own work and in other earlier and contemporary sources quoted by him on *Asarum*. Some preliminary observations are formulated on the comparison of data brought by both sources, in order to establish the line of transmission of traditional ideas in the course of time.

Keywords:

Arabic; Book of the Treasure of Alexander; Ibn-Albaytār

Estudo das Idéias Tradicionais Médicas e de Fármacos no *Livro do Tesouro de Alexandre*: Estudo de um Caso, o Ásaro (*Asarum europaeum* L.)

Introdução

Seguindo com a pesquisa que visa verificar a transmissão das idéias tradicionais médicas e de fármacos no *Livro do Tesouro de Alexandre*¹, com a finalidade de investigar o impacto que o texto hermético teve no mundo árabe entre os séculos IX e XI. Numa primeira etapa, foram escolhidas quatro plantas: o ásaro, a genciana, a lauréola e o eufórbio. O critério para tal escolha foi por suas propriedades, sendo que as duas primeiras são geralmente tônicas e as outras, tóxicas.

Neste trabalho trataremos apenas do ásaro, que aparece no LTA participando do feitio da Triaca de Hermes². Para isso, duas fontes serão usadas: o próprio LTA e as referências oferecidas por Ibn-Albaytār em sua *Compilação de Medicamentos e Alimentos Simples*. O autor que viveu no século XIII, foi um dos que fizeram um extenso e detalhado estudo (de certa maneira, quase filológico) de quem, além dele, havia utilizado um determinado fármaco. O ásaro em especial é mencionado por ele nessa obra, que embora considerada a mais abrangente das obras árabes em matéria médica, ainda não foi suficientemente explorada. Nesta obra, o autor retoma um rol de nomes que vem desde Dioscórides e Galeno até seus contemporâneos, incluindo médicos pertencentes ao mundo árabe medieval, tais como: Arrāzi, Ibn-Sīnā, Alġāfiqī e Al'idrīsī, Ibn-Māsāwayah, Ibn-Bājah, Ishāq bin-Imrān, Ibn-Māssah, e Abū-Al'Abbās Annabātī, entre outros.³ Sem dúvida, esse rol inclui vários daqueles que viveram e produziram suas obras em torno dos séculos IX e X, entre os quais deve ter se originado o LTA.

Informações preliminares sobre as fontes

O LTA, compêndio de múltiplos saberes, entre eles o farmacológico, originado, provavelmente, entre os séculos IX e X. Entre as mais de sessenta plantas mencionadas com vários usos, está o ásaro, que aparece uma única vez junto a várias outras plantas, fazendo parte do feitio da chamada Triaca de Hermes, que “salva de todos os venenos”.⁴ Ressalte-se que as outras plantas utilizadas nesse antídoto são: briônia⁵, genciana romana, louro (as sementes), alfavaca, melissa⁶, madeira da Índia⁷, madeira de sândalo⁸, centáureas,

¹ A.M. Alfonso-Goldfarb, *Livro do Tesouro de Alexandre*. (Petrópolis: Vozes, 1999). Tradução direta do árabe por S. Jubran e A.M. Alfonso-Goldfarb. Doravante mencionado como LTA no texto.

² Ver receita completa no LTA, 165-9.

³ No final do artigo, é apresentada como Apêndice uma lista de todos os autores e obras citados no trecho traduzido.

⁴ Ver receita completa no LTA, 165-9

⁵ Briônia é a raiz de uma espécie de videira. Em Dioscórides, pela edição de R.T. Gunther, *The Greek Herbal of Dioscorides* (Oxford: Oxford University Press, 1933; IV:184), suas folhas e seus frutos têm reconhecido forte poder purgativo e diurético; já a raiz seria usada para vários problemas de pele e também para uma variada gama de doenças como a epilepsia, a apoplexia e doenças femininas. Cf. LTA, 165, n. 281, *fāšir* seria efetivamente a popular videira branca (*Bryonia dioica* Jacq.), enquanto a *Bryonia alba* L. seria, na verdade, a videira negra dos antigos, chamada em árabe, *fāšir-šin*. Ibn-Albaytār, nas informações trazidas a respeito do *fāšir* e *fāšir-šin* nesta obra, diz que na *Sexta* de Galeno, aparece como Briônia.

⁶ *Baḍarinjūya*, que, segundo Ibn-Albaytār, *Aljāmi' li-mufradāt al'adwiyah wal-'aġḍīya* (Edição fac-similar de manuscrito de Bulāq (Egito), de 1874, Beirute: Dār-Šādir, 2 volumes), 74 e Albīrūnī, *Kitāb aṣṣaydana fi-ṭṭibb* (Tehran: Iran University Press, 1991), 93, o termo persa significa “o que tem perfume de toronjas”, equivalente ao termo árabe *habaq atturunj*. No LTA, 165-6, n. 283, encontra-se uma discussão a respeito da confusão feita entre as plantas odoríferas semelhantes ou próximas, pertencentes à família do manjeriço. O

uma branca e uma vermelha⁹, estoraque¹⁰, ládano¹¹, olibano¹², canela, malabatro¹³, cravo e gengibre, *ṣa'tar*¹⁴ e açucena (raízes), além de pérolas inteiras, coral vermelho¹⁵ e custo¹⁶.

Aljāmi^c li-mufradāt al'adwiyah wal-'aḡdiyya é a obra mais importante de Ibn-Albayṭār e a mais abrangente das obras de matéria médica em árabe; traz os nomes dos medicamentos e dos alimentos, sejam eles de origem vegetal, animal ou mineral, em ordem alfabética. São 1400 verbetes, sendo que 400 referentes a plantas inéditas, isto é, não citadas anteriormente por Dioscórides. Além disso, Ibn-Albayṭār traz informações sobre o habitat de cada uma das plantas, conhecimento obtido através das viagens efetuadas por ele para a região do Magrebe, do Egito e da África de então.

Como já fora mencionado, nessa obra, Ibn-Albayṭār, além de citar os gregos Dioscórides e Galeno, faz referências a muitos outros trabalhos médicos e botânicos anteriores e contemporâneos a ele, sem esquecer vários trabalhos importantes elaborados em Alandalus que, em sua maioria, se tratam de comentários à própria obra de Dióscorides. É preciso ainda ressaltar que Ibn-Albayṭār não só aproveitou os trabalhos anteriores, mas acrescentou seus comentários entre observações, críticas e explicações.

Sendo assim, segue a tradução do texto dedicado ao ásaro em Ibn-Albayṭār na obra supracitada, configurando a segunda fonte:

texto de Ibn-Albayṭār, *Aljāmi^c*, 74, remete aos vários tipos de melissa (*Melissa officinalis* L.), tal como encontrados em Dioscórides (III:118).

⁷ *Aquilarea agalocha* Roxb., conhecida como “madeira dos aloés”, empregada como incenso. Está descrita em Dioscórides (I:21) como uma madeira aromática trazida principalmente da Índia, mas também da Arábia, usada como substituto de certos bálsamos; suas propriedades medicinais derivam mais especificamente da raiz dessa árvore, cf. LTA, 166, n. 284.

⁸ Para mais informações sobre os vários tipos, procedência e uso medicinal, verificar LTA, 166, n.285.

⁹ No LTA, 166, na n. 288, Alfonso-Goldfarb procurou buscar em várias fontes a descrição, os tipos e uso da Centáureas

¹⁰ A respeito do estoraque, (*may^ca*), com suas duas variedades, a líquida e a sólida, ver, LTA, 167 n. 290.

¹¹ Resina, ou bálsamo odorífero. Em Dioscórides (I:128), o ládano é considerado a goma de uma planta (*Cistus creticus* L.), usada em vários remédios de composição balsâmica, cf. LTA, 167, n. 291.

¹² É conhecido em árabe como *kundur*, nome de origem persa, com outros sinônimos tais como o *lubān* e de *lubnā* (este último aparece no MS. do LTA). Resina considerada como proveniente de diversas espécies do gênero *Boswellia*. Dioscórides (I:81) afirma vir de uma árvore encontrada sobretudo na Arábia chamada turífera (*Boswellia carteri* Birdw). Albīrūnī, como Dioscórides, destaca o tipo macho e branco como sendo o melhor.

¹³ É o nome dado, nos textos medievais, às folhas das plantas *Cinnamomum tamala* ou *Cinnamomum tejpata*. Dioscórides (I:11) menciona a confusão que muitos fazem entre o nardo da Índia e o malabatro (que seria uma planta aquática), ver mais detalhes no LTA, n. 293.

¹⁴ *Za'tar*, ou *ṣa'tar*, é um termo genérico que engloba uma boa quantidade de Labiatae, entre as quais se destacam o tomilho e o orégano (*Thymus vulgaris* L. e *Origanum vulgare* L. respectivamente).

¹⁵ Veja detalhes a respeito do uso de pérola e coral no LTA, 166, n. 286 e 287.

¹⁶ Dioscórides (I:15) considerava o branco o melhor tipo de custo, *Saussurea lappa*. (ver detalhes no LTA, p. 166-7, n. 289).

“*Asārūn*:

Dioscórides, na I, disse: ‘*Algumas pessoas o chamam de Nārdīnā silvestre*¹⁷, *tem folhas parecidas com qasūs*¹⁸, *porém menores e mais arredondadas; tem flores entre as folhas, perto de suas raízes, de cor púrpura parecidas com as flores de banj*¹⁹ *onde ficam muitas sementes parecidas com o qirtīm*²⁰. *Tem muitas raízes delgadas com nós finos e tortos como as raízes do ṭīl*²¹, *porém muito mais finos. Tem aroma agradável, aquece e pica a língua. Nasce em montanhas muito arborizadas e abunda em Frigia, Ilíria*²² *e em Vestinum da Itália*²³. **Galeno**, na VII: ‘*O que é útil nessa planta é a raiz, cujo poder (força) é semelhante ao do wajj*²⁴ *porém mais forte*. **Dioscórides**: ‘*Sua força é diurética, aquecedora e (portanto) é boa para quem tem hidropisia e ciática e facilita a menstruação. Se for ingerido [da raiz] o equivalente a sete mitqāl*²⁵ *com água-mel funcionará como purgante na maneira de ḥarbaq al’abyaq*²⁶, *e pode ser misturado com unguentos*’. **Ibn-Sīnā**: ‘*Desobstrui todos os órgãos internos e acalma suas dores, atenua, amolece e aquece os órgãos frios e os limpa. Se for usado como colírio será útil para diminuir a grossura da córnea e também é muito bom contra o enrijecimento do baço; fortalece a bexiga e o rim*’. **Aššarīf**: ‘*Se for bebido com mel aumenta o sēmen e aquece os órgãos frios*’.

Majhūl²⁷: ‘*Se incensar com ele uma casa, eliminará dela todos os escorpiões verdes e se for moído e amassado com leite coalhado e amarrado ao redor dos quadris aumentará a potência sexual provocando uma ereção muito dura*’. **Attajribatayr**: ‘*O ásaro aquece o estomago e o fígado e faz sair sua umidade excessiva aumentando a urina, amolecendo a natureza*²⁸ *e triturando as pedras nos rins, sendo útil contra suas dores; purifica as correntes urinárias das misturas viscosas que formam nelas as pedras*’. **Ibn-Samjūn**: ‘*Há um tipo importado e há o andaluz, o melhor é aquele trazido de aljazīra alḥaḍrā*²⁹, *é fortificante para o fígado e o estômago, útil para as dores antigas*’. **Algāfiqī**: ‘*O que se usa no Alandalus não é o ásaro verdadeiro, embora pareça com ele e se pense que seu poder é igual ao da Ilha. O ásaro verdadeiro é trazido para nós da terra dos romanos; quanto ao trazido da Ilha, ele é uma planta que tem caules frouxos arredondados, do comprimento quase de um braço com nós afastados e folhas parecidas com as de pequeno qantūriūn*³⁰; *verdes, tendendo para o preto, em seu topo, há um aglomerado de ramificações, umas sobre as outras e em cujas extremidades, existem pequenas cabeças do tamanho de um grão de trigo, contendo penugens brancas. Sua raiz é menor do que um mindinho que se ramifica em pequenas partes delicadas, do comprimento dos dedos; tem aroma e sabor agradável. É este o trazido da Ilha Verde o*

¹⁷ *Nardus Sylvestris*.

¹⁸ *Hedra helix*, um tipo de trepadeira da família das Araliáceas.

¹⁹ Dioscórides (I: 9): *Cytinus* ou *Hyoscyamus*.

²⁰ Cartamo, *Carthamus tinctorius* L.

²¹ Grama, *Triticum repens* L.

²² Ilíria, conhecida pelos Romanos como Illyricum, atualmente abriga os seguintes países: Sérvia, Montenegro, norte da Albânia, Bósnia-Herzegovina e Croácia.

²³ Numa versão anterior deste artigo constavam algumas informações baseadas no texto de *Aljāmi*^c (Edição de Bulāq), na qual nos baseamos na tradução, no entanto com a oportunidade posterior de cotejamento com uma cópia de manuscrito desta obra, provavelmente do séc. XV, depositada na British Library (OR. 6429) ao f. 12 v), notou-se os erros constantes daquela edição. À margem deste folho há algumas observações explicativas, provavelmente feitas pelo copista, e que tudo indica foram incorporadas pela edição de Bulāq ao texto, o que acabou motivando a nota da versão anterior, tamanha a confusão observada, que aqui foi eliminada pois não mais é necessária. O texto árabe de Ibn-Albayṭār constante no manuscrito supracitado é semelhante a que aparece em Dioscórides (I: 12-3), n. 9, isto é: “(...) *but very much in Pontus, & Phrygia, & in Illyricum, & Vestinum of Italie*”, o que elimina as ambigüidades do texto de Bulāq.

²⁴ Ácoro, designação comum às ervas do gênero *Acorus*, da família das acoráceas, de rizomas odoríficos, com vários usos medicinais.

²⁵ Para os pesos e medidas, ver nota e tabela no final.

²⁶ Veratro branco, também conhecido como heléboro branco, *Veratrum album* L. da família das Liliaceae.

²⁷ Não se encontrou ninguém que tivesse esse nome ou sobrenome. A palavra em árabe significa, literalmente, “desconhecido”; trata-se, provavelmente, de um anônimo.

²⁸ Entende-se aqui por “natureza”, a condição do intestino se é mole ou duro.

²⁹ Refere-se provavelmente à *Ilha Verde* que se localiza em Algeciras, na província de Cádiz, na Espanha.

³⁰ *Centaurea centaurium* L.

mais parecido com o ásaro verdadeiro do que qualquer outro andaluz, que não se assemelha ao que fora descrito. Quanto ao outro tipo de ásaro andaluz, é amargo e de cheiro desagradável; há quem o classifica como um tipo de zarawand atṭawīl³¹, que é uma planta cujas folbas são menores do que as folbas de hedra helix e mais duras, tendendo para a cor preta terrosa; tem ramos delicados porém resistentes, angulosas e se prendem ao que estiver próximo delas e trepa nas árvores; tem flores púrpuras parecidas com as do aristolóquia longa que forma fruto como as de alcaparra e suas sementes são parecidas com as de ḥiṭmī³², com rizomas entrelaçados que se enfiam na terra. Sua cor é terrosa e amarela tendendo para o preto, tem cheiro forte e gosto amargo que pica um pouco a língua. A propriedade dessa planta é ser útil contra os venenos de picadas de todas as cobras, tanto suas folbas, sementes ou raízes. Há um outro tipo delicado, de folbas menores do que as de aristolóquia, maleáveis e têm rizomas pequenos que se estendem sobre a terra, suas flores e frutos são semelhantes ao que mencionamos antes, porém menores e seus caules são maleáveis não entrelaçados, de cor amarela que brotam de uma única raiz como o de veratro preto³³; é amargo, perfumado como o ásaro, nasce muito nas terra branca das montanhas, acredita-se que seu poder é igual ao do ásaro e por isso é usado como substituto e há quem o confunda com um tipo de māmīrān³⁴. **Dioscórides**, na V: ‘Faz-se do ásaro uma bebida assim: pega-se dele 3 Mitqāl e verte em 12 qūṭūlī de um suco e deixa assentar por dois meses, depois então é bebido e funciona como diurético e bom também para os que sofre de hidropisia’. **Ibn-Sīnā**: ‘E quem tiver icterícia ou algum problema no fígado e nos quadris’. **Arrāzī**, no livro Al’ibdāl (A Substituição): ‘Se não for disponível, o ásaro pode ser substituído pelo o mesmo peso de qardamānā³⁵ mais um terço do peso de ácoro e um terço de ḥumām’. **Outro**: ‘Pode ser substituído pelo dobro do peso de ácoro’. **Badgūras** disse: ‘Pode ser substituído pelo mesmo peso de ácoro e mais um sexto do peso de ḥumām³⁶. **Ibn-Sīnā**: ‘O tipo polpudo é útil contra a hidropisia’.” — fim do texto trazido por Ibn-Albayṭār.

³¹ *Aristolochia longa* L.

³² Malva-branca (*Althaea officinalis*).

³³ *Veratrum nigrum* L.

³⁴ Celidônia (*Cbelidonium majus* L.)

³⁵ Alfonso-Goldfarb, na nota 277 do LTA discute, além do equívoco cometido por boticários e botânicos árabes relacionados com a *qardamānā* (*Lagoecia cuminoides* L.) e a *karāwiyā* (*Carum carvi* L.) – ambas presentes em Dioscórides (III: 68 e 66, respectivamente)–, as propriedades medicinais de cada uma delas e a provável hipótese da segunda participar da grande triaca galênica. Albīrūnī, 485, n. 823, diz que a *qardamānā* é o mesmo que *karāwiyā*, em persa, e cita Dioscórides dizendo que é encontrada na Armênia, na Arábia e na Índia. Já à p. 529, n. 894, sobre a *karāwiyā*’ (*Carum carvi* L.), limita-se apenas mencionar os vários nomes pelos quais é conhecido, porém sem nenhuma menção à *qardamānā*.

³⁶ Segundo Albīrūnī, 231, o nome *ḥumām* é siríaco. Abbas Zaryab (quem estabeleceu o texto do Albīrūnī) o identifica como *Cissus vitiginea* L. ou *Vitis repanda* Wight, mas que na verdade são duas plantas diferentes. *Cissus vitiginea* descrita por Lineu, foi mudada posteriormente para um gênero deferente –*Vitis*, e se tornou *Vitis vitiginea* (Kuntze, 1891). No entanto esta última é uma nomenclatura sinônima de *Vitis repanda* descrita anteriormente por Wight & Arn (1834). Ressalte-se que, em Dioscórides I:14 consta como: *Amomum subulaturri* ou *Cissus vitiginea*, mas que na verdade são plantas diferentes.

Considerações finais

A fim de poder tecer algum comentário preliminar sobre o uso das plantas conforme as informações retiradas das duas fontes supracitadas, elaborou-se o seguinte quadro a partir das informações trazidas por Ibn-Albaytār, com a finalidade de observar melhor os usos do ásaró ao longo do tempo. Curiosamente, no caso do ásaró, não se ouviu a voz do próprio Ibn-Albaytār tecendo comentários, como faz nesta obra durante a descrição das plantas; restringe-se, aqui, a trazer as informações compiladas em várias fontes, descrevendo sua morfologia, habitat, tipos, propriedades e uso:

Autor	Século	Propriedades/ usos
Dioscórides	I	Diurético; bom para hidropisia, ciática e facilita a menstruação.
Galeno	II	A raiz tem poder equivalente ao ácaro.
Avicena	X-XI	Fortificante; bom estômago, baço, bexiga, rim, fígado; bom para os olhos, para quem sofre de icterícia, hidropisia e para dores em geral.
Ibn-Samjūn	XI	Fortificante; bom para o fígado, estômago, e dores
Arrāzī	IX-X	Pode ser substituído por ácoro.
Alġāfiqī	X e XI	Usam-se tanto as folhas, sementes e raiz. Bom para picadas de cobras.
Ibn-bājjā	XII	Diurético; aquecedor e amolecedor; bom para o estômago e o fígado e evita formação de pedras nos rins.
Aššarīf	XII	Aquecedor para os órgãos frios; com mel, aumenta o sêmen.
Anônimo	---	Como incenso, elimina os escorpiões verdes, aumenta a potência sexual providenciando uma ereção dura.
Outro (?)	---	Pode ser substituído por ácoro.
Bādīgūras	---	Pode ser substituído por ácoro.

Pela tabela resumida acima, nota-se que além de sua destacada propriedade tonificante, o ásaró era reconhecido como diurético e, em alguns casos, eficiente remédio para tratar mordidas de cobras venenosas e outros males como icterícia, hidropisia, além de ser facilitador da menstruação e aumentador da potência sexual. Já no LTA, não vemos o ásaró como um fármaco isolado, mas como constituinte de uma receita do antídoto que ‘salva de todos os venenos’, ao lado de outras plantas, na maioria, aromáticas e balsâmicas, pensadas, desde a antiguidade, como tônicas e medicinais. Fazem parte também da recitas dois produtos marítimos ricos em cálcio, a saber, as pérolas e o coral. O ásaró, assim, em conjunto com os elementos citados anteriormente tonificaria o organismo, permitindo-lhe que se livrasse dos venenos, tendo o efeito, inclusive, de elixires. A guisa de conclusão, é preciso dizer que estudos posteriores mais aprofundados levando em consideração a composição química desta planta poderiam auxiliar na formulação de comentários mais precisos sobre os caminhos que as idéias tradicionais seguiram ao longo do tempo na linha de transmissão, um dos objetivos do projeto de pesquisa em desenvolvimento em que o nosso estudo das plantas está inserido.

Apêndice dos autores e obras citadas

Aššarīf Al’idrīsī - (Abū Aḥmad Abī-Abdullāh Muḥammad bin-Abdullāh bin-Muḥammad bin-Idrīs Aššiqālī), nasceu em Sabtah no norte do Marrocos em 1100, onde também faleceu em 1166. Geógrafo, escreveu sobre história, literatura, poesia, plantas e estudou filosofia. Seu livro intitulado *Aljāmi^c lišifāt annabāt wa-ḍurūb almufradāt min al’ašjār wa-ttimār wa-lazahr walhayāwānat wa tafsīr asmā’iha bil-siryāniyya wal-yūnāniya e lāṭīniya wal-barbariya* (Compêndio das propriedades de plantas e tipos do nomes de árvores, frutos, flores e de animais e a explicação de seus nomes em siríaco, grego, latim e berbere), foi referência para todos que o seguiram.

Algāfiqī - (Abū-ja^cfar Aḥmad bin-Muḥammad bin-Aḥmad bin-Assayid Algāfiqī), um dos grandes sábios do Alandalus e profundo conhecedor da matéria médica. Foi referência para qualquer tema dessa natureza. Sua obra sobre as plantas medicinais foi a base da obra de Ibn-Albayṭār, que o citou mais de 200 vezes nessa obra.

Arrāzī (865-925) - (Abū-Bakr Muḥammad bin-Zakariya Arrāzī) conhecido no ocidente como Rasis ou Rhazes; médico e filósofo persa, cujos trabalhos em Alquimia e Medicina tiveram grande influência no mundo medieval. Era um grande conhecedor da medicina grega à que realizou aportes substanciais a partir de suas próprias observações. É o autor de *Alḥāwī* (*Continens Liber*), uma monumental enciclopédia de medicina. Outra obra mencionada aqui foi *Ibdāl al’adiwiya* (substituição dos medicamentos).

Badīgūras - Pseudo-Protágoras, a única referência a ele, foi encontrada na p. 23, n. 21 de: *Seminarium Historiae Scientiae Barchinone, Xvii*, (Barcelona, 2004), que traz a seguinte informação: *Als apartats VIII.16 i XX.4. Sobre aquest pseudo-Pitàgoras i la seva obra sobre succedanis*, e de acordo com F. Sezgin e M. Ullmann, seria o autor de *Kitāb fi ‘ibdāl al’adwiya al-mufrada*.³⁷

Ḥunayn bin-Ishāq (809-873)- conhecido pelo ocidente como Johannitius, era cristão nestoriano; médico e estudioso foi responsável pela tradução para o siríaco e o árabe de muitas obras gregas, como as de Platão, Aristóteles, Hipócrates, Galeno entre muitas outras.

Ibn-Albayṭār - (Ḍiyā’ Addīn Abū-Muḥammad ‘Abdullāh bin-Aḥmad Ibn-Albayṭār) nasceu em Málaga, em 1180. É considerado um dos maiores botânicos e farmacólogos da História Medieval da Península Ibérica, tendo influenciado em sua época, e mesmo por longo tempo depois, todo o saber científico em torno do Mediterrâneo. Com seus quarenta anos, em 1220 inicia uma viagem para o norte da África, seguindo até Oriente Médio, onde falece em Damasco em 1248.

Ibn-Bājjah – (Abū-Bakr Muḥammad ibn-Yaḥya ibn-Aššāyig) médico andaluz que escreveu também sobre alquimia e política, (faleceu em 1138). Conhecido no ocidente como Avempace, é o co-autor da obra intitulada *Attajribatyan* (As duas experiências) junto com Sufyān Alandalusī. Essa obra constitui um comentário à obra de **Ibn-Wāfid** (°Abd Arraḥmān ibn-Mmḥammad Ibn-Wāfid, 1008-1074).

³⁷ F. Sezgin, *Geschichte des Arabischen Schriftums* (Leiden: E.J. Brill, 1971): vol. III, 20-22; M. Ullmann, *Islamic Medicine* (Edinburgh: Edinburgh University Press, 1978), 292

Ibn-Samjūn – (Abū-Bakr Ḥāmid bin-Samjūn), o autor de uma enciclopédia de medicamentos simples, em que compilou o que fora dito por Dioscórides, Galeno, Ibn-Waḥṣiya, Aṭṭabarī, Ibn-Māsawayh e Ishāq bin-Imarān.

Ibn-Sīnā - (Abū-°Alī Alḥusayn bin-°Abdillah bin-Alḥusayn bin-°Alī bin-Sīnā- 980-1037), o sofisticado filósofo e médico, Avicena, foi o autor de várias obras médicas, entre elas, encontra-se uma epístola a respeito de plantas e animais e outra a respeito de alimentos e medicamentos, além do famoso poema de medicina.³⁸ Na sétima arte do *Livro da Cura* (*Aššifā'*), há uma descrição detalhada dos efeitos das plantas no corpo humano; além de sua renomada obra médica *Alqanūn fi-ṭṭibb* (O Código na Medicina).

Nota sobre os pesos e as medidas usadas:

A pesquisa em várias fontes antigas e em estudos recentes revela que os valores dessas medidas variavam conforme o lugar e a época. A unidade mínima usada era o grão de cevada, que obviamente não tinha peso fixo. No percurso de converter seu valor em gramas, chegou-se a três valores diferentes que, dependendo de qual deles era usado como base, modificava os valores das outras unidades maiores de medida usadas. Assim seu peso variava em gramas entre: 0.049, 0.065 e 0.072.

Na tentativa de estabelecer uma tabela de conversão de todas as medidas usadas pelos antigos nas doses medicinais, adotou-se o valor médio das três (0.062 g.). Assim, chegou-se aos valores seguintes; no entanto deve se ter em mente que todas são medidas aproximadas.

<i>Qīrāṭ</i>	0.248 g.
<i>Dāniq</i>	0.0496 g.
<i>Dirham</i>	2.48 g.
<i>Miṭqāl</i>	4.96 g.
<i>Ūwqiya</i>	29.76 g.
<i>Raṭl</i>	357.12 g.
<i>Qūṭūlī</i> ou <i>Qūṭūl</i>	535.56g.

³⁸ Cf. Avicenne. *Poème de la Médecine* (Paris: Les Belles Lettres, 1956).

Agradecimentos

Agradeço imensamente à Profa. Dra. Ana Maria Alfonso-Goldfarb, pelas contínuas instruções e ao Dr. Mihai Costea, botânico taxonomista, pesquisador e professor na Universidade Wilfrid Laurier, Canadá, por seus esclarecimentos, especialmente a respeito da mudança de nomenclatura de algumas plantas.

Safa Alferd Abou Chahla Jubran

Letras, com ênfase em Língua Árabe; Literatura Árabe; Tradução; Fonologia; Filologia;
História da Ciência.

Professora, Universidade de São Paulo, Brasil.

sjubran@usp.br